



# Conspiração em torno do governo Dilma e seu *impeachment* na fala dos tucanos: regime de poder e de verdade

Maria Irenilce Rodrigues Barros

Universidade Federal do Tocantins, Av. Lourdes Solino, s/n, 77650-000, Miracema do Tocantins, Tocantins, Brasil. E-mail: irenilcebarros@uft.edu.br

**RESUMO.** À esteira da Análise do Discurso (AD) francesa e do pensamento de Michel Foucault, especialmente, a acepção de verdade e poder, este artigo analisou o discurso de posse da reeleição de Aécio Neves à presidência do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), ocorrida na '12ª Convenção Nacional do PSDB', em 5 de julho de 2015, valendo-se do método arqueogenalógico como ferramenta, já que essas noções contribuem com o batimento descrição-interpretação. Considera-se que o *corpus* representa fator relevante para compreender a condução do trajeto pelo qual se construiu o *impeachment* de Dilma Rousseff, uma vez que componentes linguísticos revelados na materialidade foram reverberados pela mídia hegemônica, justiça e em espaços sociotecnológicos. Percebeu-se que enunciados, como, 'pedaladas fiscais, crise, corrupção' etc., serviram para este fim. Estes elementos enunciativos passaram a ser explorados diariamente pelos meios de comunicação, transformando-se em sensacionalismo midiático contra Dilma e PT. Tais enunciados fizeram-se presentes, ainda, em falas dos opositores político-ideologicamente dos petistas, tornando-se, não somente práticas discursivas, mas também práticas não discursivas, haja vista que esses termos, associados a outros, (de)marcaram o cotidiano da população, induzindo, sobremaneira, para manifestações contra o governo, seja nas ruas e/ou nas redes sociais. A tônica do texto de Aécio incide sobre dois pontos que se opõem: tece elogios à gestão do PSDB; difama e deprecia a administração de Dilma, avaliando-a negativamente. Após as análises, considerou-se que a fala do tucano reúne informações para provocar a destituição da Presidenta, com a finalidade de substituir seu governo por outro, cujo teor ideológico diferencie-se com o apresentado até então. Em relação à democracia, concluiu-se que esse termo perpassa o discurso de forma contraditória: por um lado, o tucano reforça ser por ela que se luta e, por isso, a defende; porém, na verdade, ele a usa com o intuito de, em breve, (cor)rompê-la.

**Palavras-chave:** discurso; política; crise; democracia; pedaladas fiscais.

## Conspiracy involving Dilma's government and her impeachment according to PSDB's speech: regime of power and truth

**ABSTRACT.** Within the French Discourse Analysis (AD) and Michel Foucault's approach to the concepts of truth and power, this paper analyzed Aécio Neves's inauguration speech when he was reelected as president of the Brazilian Social Democratic Party (PSDB), which took place in the 12<sup>th</sup> PSDB National Convention on July 5, 2015. The archeological, genealogical method in this study contributed to the description and interpretation of the speech. This *corpus* is relevant to understand the pathway built to Dilma Rousseff's impeachment because it materialized linguistic components that were disseminated by the hegemonic media, the justice, and social and technological players. Statements like 'fiscal pedaling, crisis, corruption', etc. served this purpose. Communication vehicles started to explore these elements daily and transform them into media sensationalism against Dilma and the Labor's Party (PT). Such statements were mentioned by ideological and political opponents of PT in the form of discursive and non-discursive practices, since these terms marked and/or demarcated the Brazilian population's daily lives, mainly inducing protests against the government on the streets or on social media. The keynote of Aécio's speech includes two opposing topics: he praised PSDB's management and negatively assessed Dilma's administration to defame and depreciate her. The analysis showed that Aécio gathered information to provoke Dilma's dismissal to replace her government for an ideologically different one. The term 'democracy' appears contradictorily in the speech: on one hand, Aécio reaffirms he fights for democracy, that is why he defends it; on the other hand, he actually uses it to later (corrupt)disrupt it.

**Keywords:** discourse; politics; crisis; democracy; fiscal pedaling.

Received on September 29, 2019.

Accepted on April 23, 2020.

## Introdução

A História é um carro alegre cheio de um povo contente que atropela indiferente todo aquele que a negue (Buarque & Milanés, 1978).

A atual conjuntura política brasileira, considerando, essencialmente, o período da última eleição para Presidente da República, em 2014, tem sido marcada por cenários de violência - tanto física quanto verbal - nas situações em que políticos, pessoas filiadas a partidos políticos de quaisquer plataformas - direita, extrema-direita, centro, ou esquerda -, bem como seus simpatizantes, fizeram defesas veementes aos seus representantes na esfera governamental, ou às próprias ideologias.

Refletindo sobre esse panorama, pondera-se que tais ânimos se tornaram mais acirrados após a perda das referidas eleições do candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), o Senador Aécio Neves<sup>1</sup>, que representava a ala direita do país e os antipetistas que surgiram e se manifestaram nessa fase.

Como candidato à Presidência da República, ele obteve apoio de grande parte da sociedade. Isso incide com o número de eleitores que concordaram com seu projeto de governo, e também indica a crença de gerir o país para a condução do crescimento em vários aspectos, sejam econômico, social, educacional etc., mostrando que eles apostaram em uma proposta contrária à do PT, até então em vigência ao longo de mais de uma década. O antipetismo instaurado no país pode ter influenciado, assim como tendenciado, o número elevado de votos obtidos pelo candidato tucano. O trecho do discurso de Aécio<sup>2</sup> pode constatar essas afirmações:

Amigas e Amigos, peço licença, aproveitando este grande ato que nos reúne, para reiterar a enorme gratidão que carrego comigo pela intensa e inestimável solidariedade que recebi na campanha de 2014. Quero dizer-lhes, mais uma vez: Foi - e continua sendo também agora - uma honra caminhar, ombro a ombro, lado a lado, com cada um de vocês. Tenho certeza: no curso deste difícil, mas recompensador caminho, fortalecemos nossas convicções. E nada pôde se igualar ao encontro que tivemos com milhões de brasileiros no mesmo sonho de um mesmo país (Neves, 2015, p. 1).

Entretanto, com o resultado das urnas no páreo presidencial, confirmando sua derrota, Aécio e apoiadores tentam inviabilizar a posse de Dilma Rousseff. Para tanto, recorrem à instância jurídica competente, ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a fim de solicitar recontagem dos votos. Com essa atitude, eles colocam em xeque o processo eleitoral e a seriedade dos trabalhos conduzidos pelo referido Tribunal, e duvidam da decisão soberana do povo, como se não aceitassem a sua perda, que é algo possível em uma democracia. Esse episódio pode ser confirmado, a saber: “Escândalos que agora colocam sob grave suspeição a campanha que elegeu a atual presidente e a campanha do presidente que a antecedeu, além de outras, do mesmo partido, espalhadas pelo país afora” (Neves, 2015, p. 4).

Sobre esse fato, Avritzer (2016, p. 8-9) esclarece que,

Em 2014, o país se dividiu durante o processo eleitoral e a parte derrotada dos eleitores não se conformou plenamente com o resultado, realizando manifestações inéditas contra a presidenta reeleita, Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT). Ao mesmo tempo, o candidato derrotado no segundo turno, Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), entrou com pedido, no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), de anulação da diplomação da presidente, e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso chegou a falar em ilegitimidade do resultado eleitoral.

No ano seguinte, dia 5 de julho de 2015, na ‘12ª Convenção Nacional do PSDB’, Aécio foi reeleito à Presidência de seu partido. A incisiva fala em seu discurso de posse, revestida de ameaças, promessas, intimidação etc., reverberou em outras discursividades em âmbito nacional pelos seguidores e apoiadores - sejam nas redes sociais, sejam nas mídias televisivas, ou em outros espaços - que coadunavam com suas ideologias, ou mesmo quem era contra a perspectiva petista de governar.

Com esses desdobramentos, decidiu-se selecionar o referido discurso como *corpus* para este estudo, uma vez que essa materialidade representa fator importante para compreender a condução do trajeto pelo qual se encaminhou o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, tendo em vista que a convenção e, especificamente, a fala de Aécio compactuaram e contaram com setores que ajudaram a construir resistência ao PT, de acordo com o que já se comentou.

<sup>1</sup> Segundo o site, <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/apuracao-votos-presidente.html>, ele obteve 48,365% dos votos computados, contra 51,64% de sua opositora, Dilma Rousseff (G1, 2014).

<sup>2</sup> O discurso do Senador Aécio Neves encontra-se no site: <https://www.psd.org.br/acompanhe/discurso-do-senador-aecio-neves-na-12a-convencao-nacional-do-psdb/> - as suas citações serão remetidas ao referido site.

Para a discussão das problemáticas ora apresentadas na materialidade em tela, conta-se com as concepções da Análise do Discurso de vertente francesa, subsidiadas por estudiosos da área, além das profícuas contribuições de Michel Foucault. A metodologia adotada guia-se nos preceitos arquegenealógicos foucaultianos, por compreender que tais noções dispõem de ferramentas importantes para conduzir o batimento teórico-analítico apresentados nas análises, em especial, no uso de acepções como, regime de verdade e de poder.

Ao debruçar-se sobre o discurso do presidente recém-reeleito do PSDB atestou-se nítido inconformismo dele, de seu partido e defensores, devido à derrota sofrida nas eleições para a Presidência da República, como se atesta a seguir: “Enfrentamos, com cabeça erguida e o espírito alto, a mais sórdida e covarde campanha eleitoral da nossa história” (Neves, 2015, p. 1). Ou seja, o candidato utiliza-se de palavras depreciativas e comprometedoras, colocando sob suspeita a seriedade e legalidade do processo eleitoral.

Após as eleições, observou-se que o tom agressivo e ameaçador que permeavam as declarações feitas pelo então candidato aumentaram, sejam nas entrevistas, aparições públicas, sejam nos comentários em canais de televisão etc., já que se tornaram constantes as críticas à Presidenta Dilma Rousseff e ao seu partido. Percebeu-se, ainda, que aliados, congressistas ou não, passaram a propagar julgamentos idênticos. Sobre essa opinião, Avritzer (2016, p. 9) ressalta que “[...] a partir do final de junho de 2015, diversos atores de oposição passaram a mencionar abertamente a possibilidade do *impeachment*”.

Por isso, compreende-se que o discurso de posse de Aécio Neves reproduz o ponto de vista não somente dele, mas das pessoas que compartilham com tais ideias. Essa declaração pode ser conferida na passagem a seguir:

Não tenho dúvida em afirmar que graças à atuação decidida – no Congresso e na sociedade – do PSDB, dos partidos que são nossos aliados, como o DEM, o PPS e o Solidariedade, e das forças comprometidas com a democracia, como o PSC, o PV e o PSB’ o país não sucumbiu (Neves, 2015, p. 4).

Na condição de ex-candidato a Presidente da República, com votação expressiva, Aécio sente-se autorizado para falar pelos que lhe conceberam apoio. Acerca dessa questão, ressalta-se que, “Na sociedade, há sujeitos que, pelo lugar que ocupam (e todos sujeitos ocupam lugares sociais), são corpos sociais em enfrentamento e/ou oposições a outros sujeitos, também corpos sociais” (Fernandes, 2017a, p. 16).

Encontram-se, no *corpus* de análise, enunciados que instigam a violência, com tom agressivo e coercitivo, visando atingir Dilma, com ameaças ao cargo dela. Eles se fortaleceram e se reproduziram pela mídia conservadora do país, nas redes sociais e demais meios de socialização tecnológica. E Aécio enfatiza:

O Brasil que nos é apresentado diariamente não supera os limites estreitos da propaganda enganosa, movida pela fragilidade de resultados, pelo descrédito dos governantes, mas também, e especialmente, pela má-fé. A oposição se orgulha de ser cada vez mais oposição e de nos contrapormos a tudo de errado que assistimos, perplexos, todos os dias: hoje assistimos o resultado da pior equação que o Brasil experimentou no curso de sua história recente. Convivemos hoje com o dramático aparelhamento da administração federal, tomada de assalto por ativistas e amigos do poder (Neves, 2015, p. 2).

O funcionamento desses discursos ganhou espaços de produção de verdade e poder por parte dos adversários de Dilma e de seu partido. As práticas discursivas, bem como as práticas não discursivas existentes nesse episódio, disseminaram-se e tornaram-se acontecimentos que, associados a diversos outros fatores e eventos, propagaram-se e circularam na sociedade, ganhando força para a construção do *impeachment*.

Acerca dessa discussão, reitera-se que,

Cada sociedade tem seu regime de verdade sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos; a maneira como sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (Foucault, 2014, p. 52).

Nessa perspectiva, percebe-se que a polarização da sociedade, na referida eleição, tornou-se visível, projetando os rumos políticos que o país tomou adiante. Devido tal configuração político-ideológica, decidiu-se fazer um estudo mais analítico da produção do discurso do enunciador, de acordo com o explicitado, encontrando respaldo no lugar que ele ocupava, o de Senador da República, ex-candidato derrotado ao cargo de Presidente da República, além de ser Presidente Nacional do PSDB.

Acerca dessa questão, ressalta-se que “[...] o importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder. [...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados pelo poder” (Foucault, 2014, p. 51-52).

Como se tem o propósito de analisar o discurso tucano e refletir sobre as discursividades que reverberaram a partir deste, compreende-se que, para isso, “[...] é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços” (Foucault, 2013, p. 31). É sob esse olhar que se perfila a materialidade em estudo.

Sob essa ótica, algumas perguntas surgiram, a fim de direcionar tais reflexões, quais sejam: i) a que se deve a intolerância de grupos antipetistas - partidos políticos, setores da sociedade etc. -, a ponto de se tornar uma violência anunciada, o fato de se perder eleições licitamente realizadas?; ii) em que consiste a essa não-aceitação da perda das eleições, uma vez que Aécio e o PSDB se consideram democratas?; iii) por que e para que instigar a violência como suporte de apoio e poder, por conta da insatisfação do resultado das eleições?

Tais conjecturas surgiram a partir do próprio discurso tucano, haja vista que, ao longo do texto, feito mantra, ele invoca a democracia, segurando-se nela como sustentação às suas palavras e, também, por meio dela, justificando as atitudes tomadas nos episódios pós-eleição. Ao enfatizar sua postura democrática, Aécio imprime a ideia de que seus adversários ameaçaram a democracia, como se estes a colocassem em risco.

Assim, o tucano dispara: “Essa condição natural nos impôs, desde sempre, a necessidade de modelar um partido aberto, diverso, democrático”. (Neves, 2015, p. 1). À frente continua: “Ao contrário do que dizem, orgulha-nos ser um partido em que a democracia não é só uma palavra. Onde há espaço para o livre debate, respeito ao contraditório e – por que não?” (Neves, 2015, p. 1).

Depois ressalta: “Assim, o PSDB passou a se orgulhar ainda mais de ser o PSDB, de suas convicções democráticas” (Neves, 2015, p. 2). Desse modo, o presidente do PSDB vai reforçando, ao longo do discurso, o compromisso deles com a democracia: “[...] é nosso dever lutar pela garantia dos direitos dos cidadãos, pela preservação de nossa democracia” (Neves, 2015, p. 4).

A partir dessas convicções tucanas e dos parceiros, propõe-se, ainda, discutir as condições históricas em que esses discursos foram construídos, uma vez que eles constituem uma dispersão de textos disseminados na sociedade, além de outras manifestações de violências, ameaças e ofensas, instigadas pelo efeito pós-eleição, a ponto de segmentar e polarizar discursos e ideologias que culminaram com a segregação política do país, podendo-se dizer, quase que intolerável para alguns segmentos.

### **A construção do *impeachment* de Dilma Rousseff: regime de poder e de verdade**

Para fins deste artigo, e também já apresentando as condições de produção da materialidade em análise, reitera-se que, nas eleições à Presidência da República do Brasil, em 2014, Aécio Neves era o candidato que representava a ideologia de direita do país e, em disputa acirrada, foi derrotado no segundo turno pela adversária do Partido dos Trabalhadores (PT), Dilma Rousseff.

As condições históricas do momento mostravam a imagem do PT maculada junto à população. Essa visão foi construída com o apoio de parlamentares, juízes, mídia etc., ou seja, com o suporte institucional, incidindo, portanto, na dispersão de discursos que minimizaram o projeto petista de governabilidade mediante o veio social, já que a este partido se associava a falcatura, corrupção e o roubo. Sobre isso, Aécio enfatiza que “O que temos hoje, amigos e amigas, é um governo afogado em denúncias, paralisado pela incompetência e desacreditado pela falta de confiança. Um governo que não consegue apresentar saídas para as crises que ele próprio criou e continua criando” (Neves, 2015, p. 4).

No pós-eleições de 2014, o tucano apostou no fracasso da adversária e incitou a ruptura do sistema eleitoral via destituição da Presidenta, como forma de punição aos maus resultados que acreditava ter o governo. Tal atitude é um meio de propor e invocar a quebra da democracia por não aceitação do resultado das urnas, o que é uma desobediência civil e violação à República. Agindo assim, propositalmente, ele induz a sociedade à baderna, ao vandalismo, às ações austeras e hostis contra a decisão popular. Ou seja, isso não é próprio de quem defende a liberdade de expressão e decisão do povo.

Falando-se dos lugares institucionais ocupados por Aécio Neves e Dilma Rousseff, salienta-se que ambos não constituem indivíduos empíricos, uma vez que ocupam posição-sujeito, esta que é “[...] compreendida

como um corpo social” (Fernandes, 2017a, p.16). Eles protagonizam cenas da política brasileira que se opõem e estão em constante luta. Assim, o discurso de posse do candidato derrotado representa o pensamento de pessoas que compartilham com tais ideias.

Sucessora de Luiz Inácio Lula da Silva e filiada ao mesmo partido dele, o PT, Dilma Rousseff foi a primeira mulher a governar o Brasil; concorreu enquanto candidata de partido progressista em duas eleições, sendo vencedora em ambas, apesar do pouco percentual que a separou de seu adversário, em 2014. Particularmente, o PT emplacava sua quarta eleição consecutiva ao cargo de Presidente da República – 2002 a 2014 (último mandato previsto até 2018, abreviado pelo *impeachment*) -, obtendo vitória em todas e tendo como opositores candidatos do PSDB. O partido vivia, portanto, seus anos de glória, sua assunção político-administrativa, com êxitos em programas econômicos, sociais, inclusivos, educacionais etc. O próprio cenário nacional, acenando que o projeto aplicado pelo PT prosperava, parece ter incomodado os oponentes. Não se quer aqui defender, peremptoriamente, a gestão petista, porém, há de se concordar que nos últimos treze anos o país ascendeu social e economicamente, mostrando mudanças representativas em várias áreas.

Dilma era alvo de críticas contundentes e ofensivas com afrontas de diferentes naturezas, inclusive por ser mulher e, ainda, por pertencer ao partido de esquerda. Frente a esse fato, deve-se levar em conta o alto índice de conservadorismo ainda existente no país, registrando situações, como, o machismo, sexismo, preconceito e a misoginia espalhados pela sociedade.

Esses elementos parecem ter se tornado vitrine para o enfrentamento, por vezes desrespeitoso, combativo e violento vindo de diversos espaços sociais contra Dilma. Sobre tal postura, adverte-se que,

Trata-se de práticas discursivas que atingem diretamente a figura feminina, dirigindo-a e desqualificando-a por ser mulher, e ataca igualmente o PT para, por meio da infâmia, caracterizar a mulher e o partido como desqualificados para o exercício do governo no país. (Fernandes, 2017b, p. 244)

Isso justifica também a disputa acirrada na eleição de 2014, que foi marcada por conflitos, agressões verbais e pela polarização dos simpatizantes de cada partido político nesse embate. Em especial, após metade de sua gestão, Dilma e PT conviveram com críticas diárias, bem como injúrias à imagem de ambos pela mídia hegemônica do país, redes sociais etc. Havia momentos em que parecia viver uma guerra civil-jurídica, pela revolta que causava nas pessoas quando a Operação Lava Jato, na figura do juiz da Polícia Federal, Sérgio Moro, fomentava à mídia conservadora, denúncias contra Lula e o PT. As acusações eram reforçadas pelo Ministério Público Federal, na representação de Deltan Dallagnol.

Concorda-se com Fernandes (2017b, 244), ao afirmar que “Esses enunciados, com duplicidade de alvo, são elementos característicos das relações de poder entre forças sociais em oposição; são igualmente expressões de corpos sociais em embate, em luta de poder e em luta pelo poder político”.

Tais acontecimentos colocaram o PT no núcleo de escândalos, sendo denunciado por assalto ao dinheiro público. Fatos esses que caracterizaram e marcaram o conturbado panorama político antes, durante e depois das referidas eleições.

Como se sabe, os sujeitos discursivos constituídos pela interação social (Fernandes, 2007), entram no embate político, ideológico etc., com os demais, cuja formação discursiva divergem, por revelarem as formações ideológicas que os compõem e integram. fato que resultou na amplitude dos conflitos partidários – direita *versus* esquerda. Assim sendo, afirma-se que “[...] uma formação discursiva resulta de um campo de configurações que coloca em emergência os dizeres e os sujeitos socialmente organizados em um momento histórico específico” (Fernandes, 2007, p. 58).

Naquela eleição, embora tenha sido derrotado, o candidato da direita dela saiu fortalecido, tendo em vista que recebeu mais de quarenta milhões de votos. Esse episódio deu-lhe credibilidade e confiança para concorrer à reeleição à presidência do PSDB e, conseqüentemente, teve a adesão dos demais partidos, cuja ideologia coadunava com a dele, como se comprova a seguir:

Não tenho dúvida em afirmar que graças à atuação decidida – no Congresso e na sociedade – do PSDB, dos partidos que são nossos aliados, como o DEM, o PPS e o Solidariedade, e das forças comprometidas com a democracia, como o PSC, o PV e o PSB, o país não sucumbiu a um projeto de poder que sempre buscou ser hegemônico (Neves, 2015, p. 4).

Em análise geral do *corpus*, ajuíza-se que a fala do tucano se encontra estruturada em três partes. Inicialmente, recorre ao histórico da fundação de seu partido, enaltece-o e sobrepõe o programa de

gestão. Para isso, usa adjetivos qualitativos e, ainda, ressalva os feitos das administrações passadas do PSDB:

Amigos, também estou sinceramente honrado pela demonstração de confiança e de unidade em torno de valores, princípios e ideais que já há longos 27 anos estamos construindo juntos, e aqui hoje renovamos. Penso que retomamos uma preciosa vocação original. Lembro que, desde que foi fundado, o PSDB tem sido o abrigo preferencial de alguns dos mais qualificados quadros da vida pública nacional. Essa condição natural nos impôs, desde sempre, a necessidade de modelar um partido aberto, diverso, democrático. [...] Com justiça e legitimidade, nos reapropriamos da herança bendita que a gestão tucana deixou para o Brasil. [...] Somos o partido que lançou as bases fundamentais de uma inovadora e até então inédita rede de proteção social, o partido que derrubou a hiperinflação, estabilizou a economia e abriu as portas para o mercado de consumo para milhões de brasileiros (Neves, 2015, p. 1-2).

À frente, reitera: “Lembro, primeiro, o que está escrito no nosso registro de nascimento: o PSDB surgiu 27 anos atrás, ‘longe das benesses oficiais, próximo ao pulsar das ruas’. E este continua sendo o nosso lugar” (Neves, 2015, p. 5, grifo do autor).

Na segunda parte do discurso, o parlamentar tece duras críticas à gestão do PT e a seus representantes específicos, hostilizando-a e ancorando seu julgamento de valor à dialética do bem contra o mal, do verdadeiro e falso etc., o qual considera ser a distinção existente entre os governos PSDB e PT, respectivamente.

O cenário adiante sinaliza que estão comprometidos e em risco os principais avanços que os brasileiros duramente conquistaram nas últimas duas décadas. Peço, aqui, licença para, mais uma vez, reiterar: a agenda brasileira retrocedeu 20 anos. Isto mesmo: 20 anos! Estamos, hoje, tendo que lidar com o que acreditávamos estar totalmente superado desde o Plano Real. O desafio nacional é, de novo, controlar a inflação, retomar o crescimento, garantir os empregos e evitar o agravamento da crise social na qual já estamos mergulhados. Fato é que a irresponsabilidade e a incompetência nos levaram à pior equação econômica entre as nações emergentes. Recessão com inflação alta. Descrédito aliado à desconfiança (Neves, 2015, p. 3).

A fala do tucano encontra-se,

[...] movida por estratégias de poder e visando ao poder. Trata-se de uma luta pelo poder político diretamente ligada ao Estado. Esse poder tem efeito nas micro instâncias, atinge os sujeitos em todos os âmbitos sociais, uma vez que dele emana um biopoder, um poder sobre a vida, sobre o lugar socioeconômico de cada um e, conseqüentemente, de todo os cidadãos (Fernandes, 2017a, p. 245).

Na terceira parte, para concluir seu discurso, Aécio Neves volta a ressaltar os atributos de seu partido para governar o país, mostrando que o PSDB tem condições concretas de assumir a presidência naquele momento, ao contrário dos motivos que usa para avaliar a administração de Dilma:

Mantemos, amigos e amigas, a nossa profissão de fé a favor do Brasil e contra o descalabro monumental que nos espreita. Por isso, aproveito este momento para reiterar alguns princípios que, cada vez mais, deverão nortear a atuação do PSDB. Valores com os quais comungamos. Valores que professamos. Sentimentos que nos irmanam aos que ocupam ruas e protestam contra a destruição que nossos adversários promovem no país. Destruição que não deixaremos prosperar (Neves, 2015, p. 5).

Por fim, o tucano sintetiza suas palavras, manifestando sentimento homogêneo de integração nacional, fazendo crer que o objetivo dele comunga com o do restante do país:

Resumo estes dois sentimentos em duas palavras: unidade e coragem. Unidade para fortalecer a nossa caminhada e coragem para enfrentarmos e vencermos os desafios que nos aguardam. Porque esta é – agora mais do que nunca – a atitude que os brasileiros esperam de nós do PSDB: sermos, como sempre fomos, a oposição a favor do Brasil. Vamos juntos pelo Brasil e pelos brasileiros (Neves, 2015, p. 6).

Ante ao exposto, a própria estruturação do discurso mostra que,

Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças. Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não sejam atribuídos a uma ‘apropriação’, mas disposições, a manobras, táticas, a técnicas, a funcionamentos (Foucault, 2012, p. 29).

Em suma, considera-se que esse tripé avaliativo pelo qual sustenta o discurso aecista mostra, respectivamente, a saber: i) ele fala do ‘aqui e agora’, porém demarca o lugar no passado, o histórico do

PSDB; ii) estabelece ocorrências do presente, difamando a gestão do PT; iii) aponta o futuro, com predicados aos governos do PSDB. Ao tecer elogios a seu partido, automaticamente, o tucano pontua e expõe de forma negativa/pejorativa os adversários. Com o propósito de se respaldar no que diz, ele constrói seu discurso apoiando-se no verdadeiro e falso, conforme já se comentou, adjetivando positivamente seu lado em detrimento ao do PT. O tucano, “[...] profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mas contribuía para a sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino” (Foucault, 1996, p. 15).

Além disso, seu discurso atua também como ferramenta persuasiva ao seu espectador, para tanto, utiliza-se da construção enunciativa com o intuito de convencer aquele que o escuta. Dirigindo-se aos presentes e importantes políticos, Aécio professa:

Brasileiros e brasileiras, [...] amigos de todo o país. Governadores e vice-governadores do nosso partido [...] Companheiros de bancada e dos partidos aliados no Congresso Nacional, bravos combatentes diários em defesa das causas do Brasil do nosso tempo. Prefeitos, vereadores e lideranças políticas que vieram de todos os cantos do país, para confirmar o nosso sonho comum: a construção coletiva de um novo projeto de Brasil (Neves, 2015, p. 1).

Nesse excerto, destaca-se o enunciado, ‘a construção coletiva de um novo projeto de Brasil’, por considerar que nele se institui o lugar de verdade, qual seja: i) assinala para a proposta de governo que tem adesão e respaldado no coletivo, não se encontrando, pois, isolado, ou desacreditado, uma vez que se trata de objetivos comuns, com resguardo da população – “Brasileiros e brasileiras [...] amigos de todo o país”; ii) sinaliza também para ‘um novo projeto’ diferente daquele em vigor, usado pelo governo petista que ele e demais companheiros consideram ultrapassado e fracassado: “[...] A realidade aí está: voltamos a ser um país desorganizado. Sem projeto. Sem segurança jurídica. Sem confiança no futuro” (Neves, 2015, p. 3).

Percebe-se que o discurso orbita em tom hostilizante, enfático e austero e, o parlamentar mineiro, fortalecido politicamente naquele momento, representava o papel da ala política de direita. Sabe-se que todo discurso não só constitui o sujeito, mas também funciona como prática e, no caso da materialidade em análise, há tentativa de instituir a verdade para constituir poder, haja vista que

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas. [...] Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (Foucault, 1996, p. 17).

Nessa perspectiva, Aécio sente-se à vontade para verbalizar sua austeridade:

Uma das heranças da presidente Dilma nós já conhecemos: meia década perdida. Ao final de seu governo, os brasileiros terão ficado mais pobres! Entre os principais componentes desta mistura indigesta, estão a maior recessão econômica em mais de 20 anos, uma inflação altíssima e o desemprego em forte escalada. Para os mais jovens, o quadro é ainda mais dramático, com o desemprego nesta faixa etária podendo superar 20% neste ano. Como consequência da condução desastrosa da economia por nossos adversários, aqueles que ainda conseguem manter o emprego e recebem salário mínimo terão aumento real de 0% nos próximos dois anos (Neves, 2015, p. 3).

Conduzindo à mesma linha de raciocínio, focado no desprestígio ao governo da opositora e com o objetivo de denegrir o projeto petista, o peessedebista elenca números negativos ao governo:

Além disso, os juros do Brasil são os mais altos do mundo. A produção atual da indústria brasileira está no mesmo nível de 2008, com sete anos de competitividade perdidos. Tarifas como as de energia vêm tendo aumentos que, apenas neste ano, chegam a ultrapassar 70% em alguns casos. É insuportável! No campo social, a realidade não é diferente. Hoje o Fundo Nacional da Assistência Social não consegue sequer repassar recursos para municípios manterem seus serviços assistenciais funcionando. Os recursos para acompanhamento do Bolsa Família estão atrasados há seis meses. Faz um ano que o programa não recebe reajuste, mesmo com a inflação em disparada. Quem paga a conta do descontrole são áreas vitais como a saúde, a educação e a segurança, cujos investimentos neste ano foram cortados pela metade (Neves, 2015, p. 3).

Como se sabe, todo discurso político tem como características alcançar, convencer e induzir a opinião de seu ouvinte/interlocutor. Assim sendo, no exercício desse propósito há estratégias a serem atingidas, a fim de que a fala seja recebida como verdadeira. Para tanto, o corpo entra nesse espaço como importante suporte ao que se diz, uma vez que este material foi lido para uma plateia convergente às ideias dele naquele evento político:

O adestramento do corpo, o aprendizado do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar, tudo faz com que apareça pela primeira vez na história essa figura singular, individualizada – o homem – como produção do poder. Mas também e ao mesmo tempo, como objeto de saber (Machado, 2014, p. 26).

Sendo o agente central daquele episódio, Aécio usa seu corpo, rosto e sua voz, como instrumento eficaz para atrair o aval dos interlocutores, para impor o saber, poder e, com esse gesto, construir a verdade.

Conforme se verifica, há aspectos relevantes a serem avaliados e observados nos discursos dos políticos, e a voz também é um deles, já que “[...] nada nos remete mais à realidade de um corpo do que a voz, que participa da encarnação, bem como da imagem do corpo que ela ajuda a caracterizar” (Coulomb-Gully, 2015, p. 25). Nesse sentido, recorre-se à construção imaginária para recriar aquele acontecimento discursivo e pensar no peso e na força que as palavras tiveram quando Aécio as proferiu, com tom rigoroso, por meio da rispidez da voz, dura e severa, consoante ao que seu público ansiava ouvir.

Juntamente com Foucault (2012, p. 28), reforça-se que “[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político: as relações de poder têm alcance imediato sobre ele”. O conjunto discursivo – enunciado e compleição – apresentado na materialidade em análise encampa a relação de poder, com o intuito de imprimir nessa fala a fragilidade do governo de sua opositora, pretendendo, com isso, atingir a opinião pública quanto ao que ele diz: “Hoje assistimos o resultado da pior equação que o Brasil experimentou no curso de sua história recente. Convivemos hoje com o dramático aparelhamento da administração federal, tomada de assalto por ativistas e amigos do poder” (Neves, 2015, p. 2).

Por compreender que “[...] a escrita e a ação são ‘uma só e a mesma coisa’” (Gros, 2004, p. 12, grifo do autor), tal discurso pode ser atribuído, não somente à posse do Presidente do PSDB, mas as atitudes e os acontecimentos que foram vistos e efetivados no decorrer dos anos que sucederam as eleições de 2014, tanto por políticos peessedebistas, quanto congressistas e seus apoiadores. Ou seja, a fala de Aécio reproduz práticas discursivas que resvalaram também em práticas não discursivas, a exemplo das manifestações nas ruas com violência física, que contribuíram para fortalecer a condução do *impeachment*.

Ao longo do discurso tucano, reconhece-se, ainda, julgamentos incisivos que se amparam na emergência dos fatos ocorridos, sugerindo necessária vingança aos adversários. Os signos linguísticos utilizados vão mapeando essa ‘vontade de castigo’: “O Brasil que nos é apresentado diariamente não supera os limites estreitos da propaganda enganosa, movida pela fragilidade de resultados, pelo descrédito dos governantes, mas também, e especialmente, pela má-fé” (Neves, 2015, p. 2). O caráter vingativo revela que, “A punição, portanto, instala-se a partir de uma definição do criminoso como aquele que guerreia contra a sociedade” (Foucault, 2015, p. 32). Com isso, Aécio vai jogando e instituindo o regime de poder e de verdade como forma de denegrir o governo ante à sociedade, apresentando as razões pelas quais considera ser preponderantes sua destituição do governo.

A propósito, “Essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando em nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (Foucault, 1996, p. 18).

Já em, “Convivemos com o uso de truques contábeis, as chamadas ‘pedaladas fiscais’, para fechar as contas do governo [...]” (Neves, 2015, p. 2), há enunciados os quais foram disseminados nos espaços sociais. É o caso de ‘pedaladas fiscais’, pois, para o domínio midiático, sociotécnico e no meio político, esse termo familiarizou-se, ganhando força enunciativa pelos opositores do governo. Associando-se a outros enunciados, como ‘crime fiscal, crise, desemprego, corrupção’ etc., configuraram-se em verdades. Para isso, como já mencionado, o tucano aporta-se no sujeito jurídico, na figura do juiz Sérgio Moro, que conduziu a ‘Operação Lava Jato’ - investigação realizada pela Polícia Federal no âmbito da Petrobrás, por denúncia de desvio de dinheiro por seus diretores, operadores do PT e políticos do partido.

Aécio antecipa-se aos resultados das investigações e dispara:

Convivemos hoje com o dramático aparelhamento da administração federal, tomada de assalto por ativistas e amigos do poder. Com o compadrio que se estabeleceu como norma básica de conduta e funcionamento da máquina pública. Com a corrupção endêmica, que grassa no serviço público, gerando escândalos em série, intermináveis e vergonhosos, como os revelados quase diariamente pela Operação Lava-Jato (Neves, 2015, p. 2).

Sob a perspectiva jurídica, com a condução do processo de investigação, nota-se que é como se a instituição jurídica respondesse ao peessedebista: “Você não tem porque temer começar; estamos todos aí

para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis [...] se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que lhe advém” (Foucault, 1996, p. 7).

Em nome da construção do discurso do poder e da verdade, o tucano reitera sua fala ameaçando o cargo da Presidenta, quando opina sobre as pedaladas fiscais, afirmando ser “Uma prática que pode levar a presidente da República a ter suas contas rejeitadas, algo inédito em quase 100 anos de história republicana” (Neves, 2015, p. 2).

A sociedade ficou bastante dividida quanto à tese das ‘pedaladas fiscais’. Para uns, a Presidenta cometera essa prática, entretanto, outros não se convenceram disso. Adianta-se que “[...] ter as contas rejeitadas [...]” (Neves, 2015, p. 2) sinaliza a condução do *impeachment* de Dilma, algo que ganhou visibilidade e foi explorado a partir de enunciados e discursividades os quais se difundiram na sociedade.

Nessa perspectiva, o enunciador tenciona induzir o/a espectador/população à credibilidade do que diz contra seu adversário, como forma de desprestigiar e minar a confiabilidade do governo que acabara de lhe derrotar nas urnas. Para tanto, reforça: “O país respira hoje, como já disse, uma combinação tóxica que sufoca o ambiente econômico, contamina a arena política, afronta princípios caros aos brasileiros e torna a vida da população ainda mais difícil” (Neves, 2015, p. 5).

Submerso ao discurso, ao expor as qualidades do PSDB e ressaltar os feitos da gestão tucana, o parlamentar mineiro faz aparecer um outro que silencia, o não-dito, porém deixa iminente a ameaça à ruptura governamental. Nesse sentido, Foucault (2013, p. 30) adverte que,

[...] todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um jamais-dito, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro.

Depara-se, pois, com um discurso bélico, cuja premissa é agredir o outro, “Um governo afogado em denúncias, paralisado pela incompetência e desacreditado pela falta de confiança [...]” (Neves, 2015, p. 4), e, no caso, evidencia-se a vontade de ‘expulsar’ Dilma do seu lugar de Presidente. Considera-se que, “[...] para o alcance do que se pretende nesse jogo de lutas, os sujeitos então opositores valem-se de estratégias de poder, praticadas por tramas discursivas nos mais variados segmentos sociais, para desqualificar o sujeito alvo e legitimar sua exclusão” (Fernandes, 2017a, p. 19).

Nesse jogo discursivo, Aécio prevalece-se dos elementos enunciativos, como, ‘crise, pedaladas fiscais, desemprego, crimes’ etc., conforme destacado, para que eles tomem dimensões amplas no discurso político, nos meios midiáticos e sociotécnicos, até materializar-se e cumprir seu papel e sua função prementes, que é atingir a opinião pública e conclamá-lo ao embate. Tais enunciados são frequentes na fala do tucano:

Não seria possível esperar qualquer outro resultado, senão as ‘múltiplas crises’ que se instalaram no corpo do Estado brasileiro. A ‘crise’, que inicialmente era econômica, apenas uma ‘marolinha’, parou o país e varreu nossas esperanças. [...] vai se transformando em aguda ‘crise social’. Na raiz de todas estas ‘crises’ há uma grave distorção: a ‘crise moral’ de um governo afundado em contradições, desvios e crimes de toda ordem (Neves, 2015, p. 3, grifos nossos).

Uma vez que o enunciado se estabelece ao se relacionar com todo um campo adjacente, ele se encontra margeado por outros, os quais carregam uma gama de situações a coabitarem com ele, a se juntarem a outras formulações mesmo ausentes. No jogo da coexistência enunciativa, sabe-se que,

[...] não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja (Foucault, 2013, p. 120).

A voz que ecoa de um corpo político, social e ideológico ressoa o enunciado de ordem, *crise*, que é entoada, perpassando vários setores, do sociopolítico, ao econômico, midiático e social, com a finalidade de cumprir seu intento – o *impeachment* de Dilma –, e desse modo, privar e suprimir seus direitos, propondo-se a “[...] exilar, expulsar, pôr para fora [...] de proibir a presença de um indivíduo nos lugares comunitários ou sagrados, de abolir ou proibir em relação a ele todas as regras de hospitalidade” (Foucault, 2015, p. 7).

Todavia, sabe-se o risco de uma ruptura democrática, especialmente quando não se encontra material concreto e oficial para tal rompimento, a exemplo do Brasil naquele momento, pois, além de expor as práticas e os sistemas autoritários e ditatoriais, as consequências resvalam na sociedade, economia, nos direitos e valores culturais, dentre tantos danos iminentes, além das perdas incalculáveis, afetando, sobremaneira, as instituições e o povo.

Embora o discurso de Aécio Neves se esforçasse para mostrar que assegurava os pilares democráticos, avalia-se que o objetivo dos juristas teve êxito, comungando com o que o discurso sinalizava: “Hoje, como está escrito ali, somos a oposição do Brasil. Mas se preparem que dentro de muito pouco tempo não seremos mais oposição” (Neves, 2015, p. 6).

Apesar de ter recebido pressão para renunciar ao cargo, Dilma resistiu, mostrando-se convicta de sua inocência frente às acusações a ela apresentadas. Assim, deixou seguir todo trâmite que conduziu à admissibilidade do seu *impeachment* na Câmara Federal e no Senado da República. E foi o que de fato ocorreu, em agosto de 2016, em votação aberta e em rede nacional (de televisão e ainda pela Internet).

Após esse processo, um dos mentores intelectuais do *impeachment*, o Vice-presidente, Michel Temer (do Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB, atual MDB) - assumiu a cadeira e permaneceu até o final de 2018, ano previsto para o fim do mandato da chapa PT e PMDB. Durante sua gestão, juntamente com Aécio e tantos outros parlamentares dessa ala política, foi alvo de críticas e denúncia de corrupção, porém infrutíferas judicialmente.

Como corolário ao *impeachment* de Dilma, atualmente, o Brasil é governado por um Presidente de extrema-direita, Jair Messias Bolsonaro, e é visível o alto índice de intolerância na sociedade, aumento expressivo da violência e de mortalidade, em especial contra a mulher e jovens negros, dentre outras atrocidades.

Em resumo, considera-se que o discurso de Aécio contribuiu para conduzir o país à balbúrdia, oscilação política, ao dismantelo e caos social, posto que a polarização está cada vez mais acirrada. O país entrou em total retrocesso em várias áreas, setores e pautas antes avançadas. A ruptura democrática trouxe prejuízos danosos e irreversíveis ao país, bem como o desenrolar dos eventos escancararam situações/fatos ainda mais evidentes de corrupção de partidos e políticos, mas sem êxito. Além disso, as ações jurídicas e midiáticas acatando as discursividades antipetistas no decorrer dessa fase, fulcraram esses atrasos.

A história não se furta de mostrar os acontecimentos que a ela cabe e pertence, revelando o subterrâneo da política, justiça, mídia hegemônica etc., e mostrando o que realmente estava em jogo naquelas eleições: um projeto de governo que atendesse à cúpula da direita, ao antipetismo instaurado e aos que se incomodavam com os avanços sociais, econômicos, educacionais propostos pela gestão da Dilma e de seu partido.

Após o exposto, tem-se a clareza de que “[...] a democracia não é somente uma palavra [...]” (Neves, 2015, p. 1), ela é o poder do povo, para o povo e dele emana. Ela não é um dispositivo móvel, ajustável, plausível de adaptação ou regulação, só dependendo dos sujeitos envolvidos nesse jogo. No caso da ala jurista, seus projetos políticos previam a chegada ao Planalto a qualquer custo – “Vamos ser governo para limpar a lambança que o PT fez em todas as áreas da administração pública [...]” (Neves, 2015, p. 6) -, inclusive promovendo a ruptura do sistema ou alterando o resultado das urnas, espaço soberano da vontade popular. Em nome da democracia, adverte-se aos seus inimigos que “Este não é o Brasil que queremos” (Neves, 2015, p. 5).

### Considerações finais

Da voz do sujeito discursivo ecoam outras constitutivas que ocupam lugar no corpo social; ela é polifônica e disseminada de diversos espaços. Assim se situa e se compõe o discurso de Aécio Neves que, mesmo sua fala sendo proferida num evento de seu partido, a ela não pode ser atribuída ao indivíduo empírico.

Seu discurso reverbera a possibilidade do surgimento de determinado enunciado e não outro (Foucault, 2013), mesmo a este correspondente, posto que os enunciados se encontram amparados à esteira da história, na dispersão dos acontecimentos e na descontinuidade temporal. Como os discursos são produzidos e circulados na sociedade, percebe-se que sua produção e circulação, enquanto prática discursiva, obedecem às regularidades historicamente determinadas. Sendo assim, a emergência do discurso fundamenta-se e aporta-se nos acontecimentos históricos e discursivos e, no caso específico, marcados pelo crescente antipetismo, alimentado pela mídia hegemônica e justiça - Polícia Federal; tudo isso ancorado nos milhões de votos recebidos por Aécio Neves para o cargo de Presidente da República, na eleição de 2014.

As discursividades de resistência à gestão do governo de Dilma e ao PT e a dimensão desses eventos fizeram o sujeito discursivo apoiar sua fala com esse foco, a fim de se fortalecer doravante. Para isso, o regime de verdade e de poder foram acionados como abordagem fulcral em seu discurso. Sem esquecer que tais enunciados foram produzidos por um sujeito que opera de um lugar institucional e é determinado por

regras sócio-históricas, cumprindo-se, pois, a função enunciativa. O referido discurso liga-se a uma rede de memória que tece o passado vinculando-o ao futuro. Outrossim, o sujeito discursivo se coloca em constante luta política, construindo, por meio do micro poder, discursividades que se constituem como verdades.

No início deste trabalho, perquiriu-se problemáticas, a fim de orientar as análises e os objetivos tencionados. A partir das análises feitas - descrição-interpretação -, considerou-se que o discurso assim produzido, na dialética do bem contra o mal, faz parte de uma estratégia política de intimidação pelo conflito e embate, gerando enfrentamento contínuo e estado de não trégua, com o intuito de promoção da 'guerra civil' (Foucault, 2015) para, dessa forma, envolver aliados/interlocutores, com o propósito de imprimir sua vontade de verdade e, assim, ocupar o lugar do poder no Estado.

Como efeito, Aécio, com a anuência de apoiadores, pretendia, também, minar e encolher o lugar do opositor, destituindo-o do cargo, trocá-lo, substituir o projeto de governo por outro ideologicamente diferente do executado até então. Pata tanto, foram usadas estratégias que também atingiram a mulher, com a ideia de pessoa inapta para governar. Nesse quesito, Dilma representou a figura ideal para fortalecer o discurso dos que pretendiam saquear seu poder, por meio da aniquilação feminina.

No que tange à democracia, o enunciador utiliza-se desse termo estabelecendo efeitos paradoxais: ele reforça a ideia de proteção, com o intuito de defendê-la, fortalecê-la e preservá-la; mas, ao que se considerou, o real motivo tem como objetivo (cor)rompê-la, algo que ocorreu com o *impeachment*.

## Referências

- Avritzer, L. (2016). *Impasses da democracia no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Buarque, C., & Milanés, P. (1989). *Canción por la unidad latino-americana*. In H. Werneck, *Chico Buarque: letra e música 1* (p. 170). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Coulomb-Gully, M. (2015). O corpo presidencial: representação política e encarnação na campanha presidencial francesa de 2007. In M. A. Conti, M. P., C. A. Fernandes, & W. Marques (Orgs.), *Análise do discurso e semiologia* (p. 21-39). Uberlândia, MG: EDUFU.
- Fernandes, C. A. (2007). *Análise do discurso - reflexões introdutórias*. São Carlos, SP: Claraluz.
- Fernandes, A. C. (2017a). Fazer sangrar... violência 'metafórica' em tramas discursivas. In A. C. Fernandes (Org.), *A violência na contemporaneidade: do simbólico ao letal* (p. 15-25). São Paulo, SP: Intermeios.
- Fernandes, A. C. (2017b). Insurreições como práticas discursivas na política do presente. In S. Galo, & M. Rago (Orgs.), *Michel Foucault e as insurreições: é inútil revoltar-se?* (p. 239-248). São Paulo, SP: Intermeios.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo, SP: Loyola.
- Foucault, M. (2012). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (R. Ramalhe, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Foucault, M. (2013). *Arqueologia do saber* (L. F. B. Neves, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2014). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Foucault, M. (2015). *A sociedade punitiva: curse no Collège de France* (I. C. Benedetti, Trad.) São Paulo, SP: WMF Martins Fontes.
- G1. (2014). *Eleições 2014. Apuração de votos para presidente*. Recuperado de <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/apuracao-votos-presidente.html>
- Gros, F. (2004). Introdução: a coragem da verdade. In F. Gros (Org.), *Foucault: a coragem da verdade* (p. 7-12). São Paulo, SP: Parábola.
- Machado, R. (2014). Introdução: por uma genealogia do poder. In M. Foucault (Org.), *Microfísica do poder* (p. 7-34). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Neves, A. (2015). *12ª Convenção Nacional do PSDB*. Recuperado em 6 de agosto de 2018 de <https://www.psd.org.br/acompanhe/discurso-do-senador-aecio-neves-na-12a-convencao-nacional-do-psdb/>